

JULIO CORTÁZAR

Contos completos 2

(1969–1983)



cavalo de ferro

ÍNDICE

ÚLTIMO ROUND

Silvia.....	15
A viagem.....	27
Sestas.....	38

OCTAEDRO

Liliana a chorar.....	55
Os passos nas pegadas.....	64
Manuscrito encontrado num bolso	83
Verão.....	95
Aí mas onde, como.....	104
Lugar chamado Kindberg.....	114
As fases de Severo.....	125
Pescoço de gatinho preto.....	135

ALGUÉM QUE ANDA POR AÍ

Mudança de luzes.....	151
Ventos alísios.....	161
Segunda vez.....	170
Você deitou-se ao seu lado.....	178
O nome de Boby.....	189

Apocalipse de Solentiname.....	198
A barca ou A nova visita a Veneza	206
Reunião com um círculo vermelho.....	245
As faces da moeda.....	253
Alguém que anda por aí.....	267
A noite de Mantequilla	274

UM CERTO LUCAS

I

Lucas, as suas lutas com a hidra.....	293
Lucas, as suas compras	296
Lucas, o seu patriotismo	299
Lucas, o seu patrioteirismo	300
Lucas, o seu patiotismo.....	301
Lucas, as suas comunicações	302
Lucas, as suas intrapolações	304
Lucas, os seus desconcertos	305
Lucas, as suas críticas da realidade	307
Lucas, as suas aulas de espanhol.....	308
Lucas, as suas meditações ecológicas	310
Lucas, os seus solilóquios.....	312
Lucas, a sua nova arte de pronunciar palestras	314
Lucas, os seus hospitais (I)	318

II

Destino das explicações.....	321
O co-piloto silencioso.....	322
Poderia acontecer-nos, acreditem	326
Laços de família.....	328
Como se passa ao lado.....	329
Um pequeno paraíso	331

Vidas de artistas	334
Texturologias.....	339
O que é um polígrafo?.....	342
Observações ferroviárias.....	345
Nadando na piscina de gofio.....	347
Famílias.....	350
<i>Now shut up, you distasteful Adbekunkus</i>	351
Amor 77.....	353
Novidades nos serviços públicos.....	354
A brincar a brincar e já vão seis.....	360
Diálogo de ruptura	361
Caçador de crepúsculos.....	363
Maneiras de estar preso.....	365
A direcção do olhar.....	368

III

Lucas, as suas canções errantes.....	371
Lucas, os seus pudores.....	374
Lucas, os seus estudos sobre a sociedade de consumo	376
Lucas, os seus amigos.....	377
Lucas, os seus engraxamentos 1940.....	382
Lucas, os seus presentes de aniversário	384
Lucas, os seus métodos de trabalho	386
Lucas, as suas discussões partidárias.....	387
Lucas, as suas traumatoterapias	392
Lucas, os seus sonetos.....	394
Lucas, os seus sonhos.....	399
Lucas, os seus hospitais (II).....	400
Lucas, os seus pianistas	406
Lucas, as suas longas caminhadas	407

UM CERTO LUCAS (INESPERADO)

Hospital Blues.....	411
Lucas, as cartas que recebe	420
Lucas, as suas descobertas azarosas.....	421
Lucas, as suas erratas.....	422
Lucas, as suas experiências cabalísticas.....	425
Lucas, as suas hipnofobias.....	427
Lucas, os seus furacões.....	429
Lucas, as suas palavras moribundas.....	431
Lucas, os seus poemas escritos na Unesco	433
Lucas, as suas relações sociais.....	435
Lucas, os seus papelinhos soltos.....	436

GOSTAMOS TANTO DA GLENDIA

I

Orientação dos gatos	439
Gostamos tanto da Glenda	443
História com aranhas.....	450

II

Texto num caderno.....	461
Recortes de imprensa	477
Tango do regresso.....	491

III

Clone.....	505
<i>Nota sobre o tema de um Rei e a vingança de um Príncipe.....</i>	<i>518</i>
Grafiti.....	522
Histórias que me conto	527
Anel de Moebius	538

DESORAS

Garrafa atirada ao mar	555
Fim de etapa	561
Segunda viagem	571
Sotar	584
A escola à noite	599
Desoras	620
Pesadelos	635
Diário para um conto	645

HISTÓRIAS (INESPERADAS)

Teoria do caranguejo	677
<i>Ciao</i> , Verona	678
Potássio em diminuição	698
Peripécias da água	702
Em Matilde	704
A fé no terceiro mundo	706
Sequências	708

ÚLTIMO ROUND
(1969)

SILVIA

Vá-se lá saber como poderia ter acabado algo que nem sequer tivera princípio, que começara já a meio e terminara sem se perceber bem como, esfumando-se na orla de outra névoa; em todo o caso, há que começar por dizer que muitos argentinos passam parte do Verão nos vales do Luberon; nós, os veteranos da zona, ouvimos com frequência as suas vozes estridentes, que parecem trazer consigo um espaço mais aberto, e com os pais vêm as crianças, e isso também é Silvia, os canteiros pisados, almoços com bifes espetados em garfos e bochechas, choros terríveis seguidos de reconciliações com um vincado tom italiano; aquilo a que se costuma chamar férias em família. A mim incomodam-me pouco, porque me protege uma justa fama de mal-educado; o meu filtro abre-se apenas para deixar passar Raúl e Nora Mayer, e naturalmente os seus amigos Javier e Magda, o que por sua vez inclui os miúdos e Silvia; o churrasco em casa de Raúl, há uns quinze dias, foi algo que nem sequer teve princípio e, no entanto, é sobretudo Silvia, essa ausência, que agora povoa a minha casa de homem solitário, que roça a minha almofada com a sua medusa dourada, que me obriga a escrever o que escrevo com uma absurda esperança de feitiço, de doce encantamento feito de palavras. De qualquer forma, há que incluir também Jean Borel, que ensina literatura das nossas terras numa universidade occitana, a sua mulher Liliane e o minúsculo Renaud, em quem se acumulavam, tumultuosos, dois anos de vida. Quanta gente para um simples churrasco no jardim da casa de Raúl e Nora, organizado sob uma vasta tília, que não parecia acalmar ninguém na hora das lutas infantis e das discussões literárias.

Cheguei com várias garrafas de vinho e um sol que se deitava sobre as colinas. Raúl e Nora tinham-me convidado porque Jean Borel andava a pedir para me conhecer, mas não se atrevia a dar o primeiro passo sozinho. Nesses dias, Javier e Magda também estavam hospedados na casa. O jardim era um campo de batalha, metade sioux, metade galo-romano; guerreiros emplumados combatiam sem tréguas, com vozes de soprano e bolas de barro. Graciela e Lolita aliadas contra Álvaro e, no meio daquele fragor, o pobre Renaud cambaleava com os seus calções feitos de algodão maternal e com uma tendência para passar o tempo todo de um lado para o outro, traidor inocente e desprezado de quem apenas Silvia se ocupava. Sei que amontoo nomes, mas também demorei a interiorizar a ordem e as genealogias. Lembro-me de que saí do carro com as garrafas debaixo do braço e que, a poucos metros, vi surgir entre os arbustos a faixa do Bisonte Invencível, a sua expressão desconfiada diante do novo Cara-Pálida. A batalha pelo forte e pelos reféns travava-se em torno de uma pequena tenda de campanha verde, que parecia ser o quartel-general do Bisonte Invencível. Num descuido fatal para com uma ofensiva possivelmente crucial, Graciela deixou cair as suas munições pegajosas e acabou por limpar as mãos no meu pescoço; depois sentou-se, imperturbável, ao meu colo, e explicou-me que Raúl e Nora estavam lá em cima com os outros adultos e que já viriam, detalhes sem importância quando comparados com a dura batalha do jardim.

Graciela sempre sentiu a obrigação de me explicar tudo, partindo do pressuposto de que eu era tolo. Por exemplo, naquela tarde, o pequeno dos Borel não contava para nada, não percebes que o Renaud tem dois anos, ainda faz cocó nas calças, ainda há pouco lhe aconteceu isso, e eu ia avisar a mãe, porque ele estava a chorar, mas a Silvia levou-o para junto da piscina, lavou-lhe o rabinho e mudou-lhe a roupa, a Liliane nem se apercebeu, porque, sabes, ela zanga-se muito e, às vezes, dá-lhe uma palmada, e então o Renaud desata a chorar outra vez, chateia-nos o tempo todo e não nos deixa brincar.

— E os outros dois, os mais velhos?

— São os filhos do Javier e da Magda, não percebes, seu tolo? São só eles. O Álvaro é o Bisonte Invencível, tem sete anos, mais dois meses

do que eu, e é o mais velho. A Lolita tem seis, mas já brinca, é a prisioneira do Bisonte Invencível. Eu sou a Rainha da Floresta e a Lolita é minha amiga, por isso tenho de a salvar, mas continuamos amanhã porque agora já nos chamaram para o banho. O Álvaro fez um corte no pé e a Silvia pôs-lhe um penso. Agora larga-me, que tenho de ir.

Ninguém estava a agarrá-la, mas Graciela tinha sempre necessidade de reiterar a sua liberdade. Levantei-me para cumprimentar os Borel, que estavam a sair da casa com Raúl e Nora. Alguém, creio que Javier, servia o primeiro *pastis*; a conversa iniciava-se com o cair da noite, a batalha mudou de natureza e de idade, transformou-se num estudo sorridente entre homens que acabavam de se conhecer. As crianças tomavam banho, já não havia gauleses nem sioux no jardim. Borel queria saber por que motivo eu não voltava para o meu país; Raúl e Javier sorriam os seus sorrisos compatriotas. As três mulheres ocupavam-se da mesa; curiosamente, pareciam-se entre si, Nora e Magda unidas pelo sotaque de Buenos Aires, enquanto o espanhol de Liliane vinha do outro lado dos Pirenéus. Chamámo-las para beberem o *pastis*. Descobri que Liliane era mais morena do que Nora e Magda, mas a semelhança persistia, numa espécie de ritmo comum. Agora falava-se de poesia concreta, do grupo da revista *Invenção*; entre Borel e eu surgia um terreno comum, Eric Dolphy; o segundo copo iluminava os sorrisos trocados entre Javier e Magda, enquanto os outros dois casais já viviam aquele tempo em que a conversa em grupo liberta antagonismos, ventila diferenças que a intimidade cala. Já era quase de noite quando as crianças começaram a aparecer, limpas e entediadas; primeiro, os filhos de Javier, a discutir por causa de umas moedas, Álvaro teimoso e Lolita petulante; depois, Graciela, levando pela mão Renaud, que já tinha a cara suja outra vez. Junta-ram-se perto da pequena tenda de campanha verde; nós debatíamos Jean-Pierre Faye e Phillippe Sollers, a noite inventou o fogo do churrasco, até então pouco visível entre as árvores, envolveu-se em reflexos dourados e mutáveis que tingiam os troncos e faziam recuar os limites do jardim. Creio que foi nesse momento que vi Silvia pela primeira vez. Eu estava sentado entre Borel e Raúl, e à volta da mesa redonda sob a tília estavam Javier, Magda e Liliane; Nora ia e vinha,

trazendo pratos e talheres. O facto de não me terem apresentado Silvia parecia-me estranho, mas ela era muito jovem e talvez quisesse manter as devidas distâncias. Compreendi o silêncio de Raúl ou de Nora; evidentemente, Silvia estava naquela idade difícil, recusava-se a entrar no jogo dos adultos, preferia impor a sua autoridade ou prestígio junto das crianças agrupadas perto da tenda verde. De Silvia, tinha conseguido ver pouco. O fogo iluminava violentamente um dos lados da tenda, e ela estava agachada ali, junto a Renaud, limpando-lhe o rosto com um lenço ou um pano. Reparei nas suas coxas luzidias, jovens e bem delineadas, ao mesmo tempo que atentava no estilo de Francis Ponge de que Borel me falava. As suas pernas permaneciam na sombra, tal como o torso e o rosto, mas o cabelo comprido ia reluzindo de repente com as chamas que esvoaçavam; um cabelo também de ouro velho; toda ela parecia revestida de fogo, de bronze espesso; a minissaia descobria-lhe as coxas até ao ponto mais alto, e Francis Ponge tinha sido injustamente ignorado pelos jovens poetas franceses até que agora, com as experiências do grupo *Tel Quel*, passara a ser reconhecido como um mestre. Era impossível perguntar quem era Silvia, porque não estava ali connosco, e além disso o fogo engana, talvez parecesse mais velha do que era e o mundo dos sioux continuasse a ser o seu território natural. A Raúl interessava a poesia de Jean Tardieu, e tivemos de explicar a Javier quem ele era e o que escrevia. Quando Nora me trouxe o terceiro *pastis*, não consegui perguntar-lhe por Silvia, a discussão estava demasiado acesa e Borel bebia as minhas palavras como se tivessem um enorme valor. Vi levarem uma mesinha baixa para perto da tenda, os preparativos para que as crianças jantassem à parte. Silvia já não estava lá, mas a sombra apagava os contornos da tenda e talvez se tivesse sentado mais longe ou vagueasse por entre as árvores. Forçado a ventilar opiniões sobre o alcance das experiências de Jacques Roubaud, mal conseguia surpreender-me com o meu próprio interesse por Silvia, com o facto de o seu súbito desaparecimento me inquietar de forma ambígua. Quando terminei de dizer a Raúl o que pensava sobre Roubaud, o fogo voltou a transformar-se, por um instante fugaz, em Silvia; vi-a passar junto à tenda, levando pela mão Lolita e Álvaro, atrás vinham Graciela e

Renaud, saltando e dançando num último avatar sioux. Como seria de esperar, Renaud caiu de cara no chão, e o grito que lançou sobressaltou Liliane e Borel. Do grupo ergueu-se a voz de Graciela: «Não é nada, já passou!», e os pais retomaram a conversa com aquela naturalidade que nasce da monotonia quotidiana das quedas dos sioux. Agora tratava-se de encontrar um sentido para as experiências aleatórias de Xenakis, pelas quais Javier demonstrava um interesse que a Borel parecia desmesurado. Por entre os ombros de Magda e Nora, via ao longe a silhueta de Silvia, mais uma vez agachada junto a Renaud, mostrando-lhe um brinquedo qualquer para o consolar. O fogo iluminava-lhe as pernas e o perfil; adivinhei-lhe um nariz fino e ansioso, lábios de estátua arcaica (mas não acabara Borel de me perguntar algo sobre uma pequena estatueta cicládica de que me achava responsável? E a referência de Javier a Xenakis não desviara o tema para algo mais valioso?). Senti que, naquele momento, se desejava saber algo, era sobre Silvia; conhecê-la de perto, sem os encantos emprestados pela luz do fogo, devolvê-la a uma provável mediocridade de rapariga tímida ou confirmar se aquela silhueta era realmente assim tão bela e vibrante ou se se dissiparia como uma mera ilusão. Teria querido dizê-lo a Nora, com quem tinha uma velha confiança, mas Nora organizava a mesa e colocava guardanapos de papel, não sem exigir a Raúl a compra imediata de algum disco de Xenakis. Do território de Silvia, outra vez invisível, surgiu Graciela, a pequena gazela, a sabichona. Ofereci-lhe a velha cortesia de um sorriso, estendi-lhe as mãos para a ajudar a instalar-se no meu colo; aproveitei-me das suas notícias entusiasmadas sobre um escaravelho peludo para me desligar da conversa sem que Borel me achasse indelicado e, mal pude, perguntei em voz baixa se Renaud se tinha magoado.

— Claro que não, tolo, não foi nada. Ele está sempre a cair, só tem dois anos, percebes? A Silvia pôs-lhe água no galo.

— Quem é a Silvia, Graciela?

Olhou para mim como que surpreendida.

— Uma amiga nossa.

— Mas é filha de algum destes senhores?

— Estás louco — retorquiu Graciela, com um ar de enorme sensatez. — A Silvia é nossa amiga. Mamã, não é verdade que a Silvia é nossa amiga?

Nora suspirou, pousando o último guardanapo junto ao meu prato.

— Porque é que não voltas para junto das outras crianças e deixas o Fernando em paz? Se ela se puser a falar de Silvia, vais ficar aí preso durante horas.

— Porquê, Nora?

— Porque, desde que a inventaram, não nos dão descanso com essa Silvia — disse Javier.

— Nós não a inventámos — protestou Graciela, agarrando-me o rosto com as duas mãos, tentando arrancar-me ao mundo dos adultos. Pergunta à Lolita e ao Álvaro, e vais ver.

— Mas quem é a Silvia? — insisti.

Nora já estava longe demais para ouvir, e Borel discutia novamente com Javier e Raúl. Os olhos de Graciela fixavam-se nos meus, e fazia uma espécie de biquinho com a boca, com o seu ar trocista e sabichão.

— Já te disse, tolinho, é nossa amiga. Ela brinca connosco quando lhe apetece, mas não aos índios, porque não gosta. Ela já é muito grande, percebes? Por isso é que está sempre a tomar conta do Renaud, que só tem dois anos e ainda faz cocó nas calças.

— Veio com o senhor Borel? — perguntei em voz baixa. — Ou com o Javier e a Magda?

— Não veio com ninguém — respondeu Graciela. — Pergunta à Lolita e ao Álvaro, vais ver. Ao Renaud não perguntes, porque ele é pequeno e não percebe. Agora, deixa-me, tenho de ir.

Raúl, que parecia sempre guiado por um radar, arrancou com uma reflexão sobre Letrismo, lançando-me um olhar condescendente.

— A Nora avisou-te. Se seguires a deixa deles, vão deixar-te maluco com essa Sílvia.

— A culpa foi do Álvaro — explicou Magda. — O meu filho é um mitómano e engana toda a gente.

Raúl e Magda continuavam a olhar para mim. Seguiu-se uma fracção de segundo em que poderia ter dito: «Não percebo», forçando-os

a explicar-se, ou simplesmente: «Mas a Sílvia está ali, acabei de a ver.» Não creio, agora que tenho demasiado tempo para pensar nisso, que a distração provocada por Borel me tenha impedido de o fazer. Borel acabara de me fazer uma pergunta qualquer sobre *A Casa Verde*. Comecei a falar sem saber bem o que dizia, mas o que sei é que já não me dirigia nem a Raúl nem a Magda. Vi Liliane aproximar-se da mesa das crianças e sentá-las em banquinhos e caixotes velhos; o fogo iluminava-as como nas gravuras dos romances de Hector Malot ou de Dickens, os ramos da tília cruzavam-se momentaneamente entre um rosto ou um braço erguido, ouviam-se risos e protestos. Falava com Borel sobre Fushía, deixando-me levar pela corrente daquela jangada da memória onde Fushía estava inegavelmente vivo. Quando Nora me trouxe um prato de carne, murmurei-lhe ao ouvido:

— Não percebi muito bem essa história das crianças.

— Pronto, também tu caíste na história deles — disse Nora, lançando um olhar compassivo aos outros. — Ainda bem que depois vão dormir, porque és uma vítima nata, Fernando.

— Não lhes lighes — interveio Raúl. — Nota-se que não tens prática,avas os miúdos demasiado a sério. Há que ouvi-los como quem ouve chover, meu velho, senão acabas louco.

Talvez nesse momento tenha perdido o possível acesso ao mundo de Sílvia. Jamais saberei por que motivo aceitei tão prontamente a hipótese de se tratar de uma brincadeira, uma piada que os meus amigos inventavam para gozar comigo (Borel não, Borel seguia o seu próprio caminho, que entretanto já o levava a Macondo). Vi novamente Sílvia, que acabava de emergir da sombra e se inclinava entre Graçielas e Álvaro, para os ajudar a cortar a carne ou talvez apenas para comer um bocadinho; a sombra de Liliane, que se aproximava para se sentar connosco, interpôs-se, alguém me ofereceu vinho; quando olhei de novo, o perfil de Sílvia estava como que aceso pelas brasas, o cabelo caía-lhe sobre um ombro, deslizava fundindo-se com a sombra da cintura. Era tão bela que a brincadeira me ofendeu, o mau gosto incomodou-me, pelo que me pus a comer de olhos fixos no prato, ouvindo de esguelha Borel, que me convidava para uns colóquios universitários; se lhe disse que não iria, foi por culpa de Sílvia,

pela sua involuntária cumplicidade na diversão sarcástica dos meus amigos. Essa noite não voltei a ver Silvia; quando Nora se aproximou da mesa das crianças com queijo e fruta, ela e Lolita ocuparam-se a dar de comer a Renaud, que ia adormecendo aos poucos. Pusemo-nos a falar de Onetti e Felisberto, bebemos tanto vinho em sua honra que um segundo vento belicoso de sioux e charruas envolveu a tilia; trouxeram as crianças para desejarem uma boa-noite, Renaud nos braços de Liliane.

— Calhou-me uma maçã com bicho — disse-me Graciela com uma imensa satisfação. — Boa noite, Fernando, és muito mau.

— Porquê, meu amor?

— Porque não vieste nem uma única vez à nossa mesa.

— É verdade, desculpa. Mas vocês tinham a Silvia, não tinham?

— Claro, mas mesmo assim...

— Este continua a dar-lhe troco — comentou Raúl, olhando para mim com uma expressão que devia ser de piedade. — Vai sair-te caro, espera até te apanharem bem a jeito com essa famosa Silvia; vais arrepender-te, meu irmão.

Graciela molhou-me o queixo com um beijo que cheirava intensamente a iogurte e maçã. Muito mais tarde, no final de uma conversa em que o sono começava a toldar as opiniões, convidei-os para jantar em minha casa. Vieram no sábado passado por volta das sete, em dois carros; Álvaro e Lolita trouxeram um papagaio de pano e, sob o pretexto de o fazer voar, acabaram imediatamente com os meus crisântemos. Deixei que as mulheres se ocupassem das bebidas, e percebi que ninguém impediria Raúl de tomar as rédeas do churrasco; fui mostrar a casa aos Borel e a Magda, instalei-os na sala, em frente ao meu óleo de Julio Silva, e bebi um pouco com eles, fingindo estar ali e ouvir o que diziam. Pelo janelão via-se o papagaio ao vento, ouviam-se os gritos de Lolita e Álvaro. Quando Graciela apareceu com um ramo de pensamentos, presumivelmente fabricado à custa do meu melhor canteiro, saí para o jardim já escurecido e ajudei a lançar o papagaio ainda mais alto. A sombra banhava as colinas no fundo do vale, avançando por entre as cerejeiras e os choupos, mas nada de Silvia; Álvaro não precisara de Silvia para fazer voar o papagaio.

Julio Cortázar, nome maior da narrativa breve celebrado e revisitado por gerações de leitores, deixou-nos ao longo de quase quatro décadas doze volumes de contos — o palco da sua revolução literária —, a que se juntam os dispersos e inéditos descobertos no início deste século coligidos em *Papéis Inesperados*. Somando mais de mil páginas, estas obras-primas rompem com o modelo clássico da narrativa para abrir espaço ao fantástico, ao experimentalismo, ao labiríntico, ao humor, ao inexplicável no encontro do eu com o outro e com o real, e nelas desfilam temas que, como poucos, Cortázar soube converter em Literatura.

Numa iniciativa editorial inédita no nosso país, reúne-se pela primeira vez a totalidade dos contos do autor em dois únicos volumes. Este segundo abarca o período entre 1969 e 1983 e inclui os títulos: *O Último Round*, *Octaedro*, *Alguém que Anda Por Aí*, *Um Certo Lucas*, *Gostamos Tanto da Glenda*, *Desoras* e várias *Histórias (Inesperadas)*.

«Um clarão chamado Julio Cortázar.
Os seus contos estão agora reunidos.
Experimentais, insólitas, ficções breves que revelam
o avesso do real — ou dão-nos o real como uma entre muitas
possibilidades. Uma edição que merece celebração.»

Isabel Lucas, *Público*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-648-2



9 789895 836482